

TRABALHOS DE PESQUISA

AVALIAÇÃO DA FUNÇÃO URINÁRIA E SEXUAL EM HOMENS TRANSEXUAIS NO MUNICÍPIO DE MOSSORÓ/RN

Rayza Barbosa Silveira da Silva ¹, Francisco Rubson Bezerra de Lima ¹, Elanny Mirelle da Costa ², Gustavo Coringa de Lemos ³, Joelma Gomes da Silva ⁴, Jaíza Marques Medeiros e Silva ⁵

EVALUATION OF URINARY AND SEXUAL FUNCTION IN TRANSEXUAL MEN IN THE MUNICIPALITY OF MOSSORÓ/RN

EVALUACIÓN DE LA FUNCIÓN URINARIA Y SEXUAL EN HOMBRES TRANSEXUALES DEL MUNICIPIO DE MOSSORÓ/RN

Resumo: Objetivo: Analisar a função urinária e sexual em homens transexuais. Materiais e Métodos: Estudo transversal, descritivo, com abordagem quantitativa e com coleta de dados primários, realizada com 14 homens transexuais usuários do ambulatório LGBTQIA+, localizado na Faculdade de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (FAEN/UERN), na cidade de Mossoró/RN. Para a coleta de dados, foram utilizados os questionários sociodemográfico e de situação de saúde, International Consultation on Incontinence Questionnaire – Short Form (ICIQ-SF), Índice de Função Sexual Feminina (IFSF) e o questionário de desconforto no assoalho pélvico – PFDI-SF-20. Resultados: Foi possível identificar o perfil sociodemográfico e de situação de saúde, cuja idade variou entre 21 e 35 anos, 100% eram solteiros, 64,3% possuem ensino médio completo, 57,1% consideram-se heterossexuais, 78,6% possuem vínculo empregatício. Em relação à situação de saúde, 100% não possuíam doenças crônicas, 57,2% não faziam uso de medicamentos, 64,3% não fumam, 78,6% consomem bebidas alcoólicas, 50% relatam praticar atividade física, 92,8% usam faixa, sendo que 76,9% afirmaram sentir dor durante a utilização de faixa e 50,0% dizem ter dores nos seios e coluna. Foi constatado que 14,3% dos entrevistados possuem incontinência urinária, 100% possuem vida sexual ativa; 14,3% possuem dor na relação sexual e 64,3% apresentam desconfortos pélvicos, sendo que 66,6% consideram leve e 22,2% consideram moderado. Foi observado que todos os participantes possuem boa função sexual, porém, em todos eles, a média mais baixa em relação à pontuação de domínio foi referente à lubrificação (3,68) e ao orgasmo (3,90). Conclusão: Os dados apontam a necessidade de estudos que avaliem as condições dos músculos do assoalho pélvico nessa população, pois tanto as condições voltadas para a função urinária como para a função sexual não são totalmente elucidadas na população transexual que, assim como outras populações, carece de atenção à saúde.

Palavras-Chave: Assoalho Pélvico; Homem Transexual; Disfunção Sexual; Incontinência Urinária.

Abstract: Objective: To analyze urinary and sexual function in transgender men. Materials and Methods: Cross-sectional, descriptive study, with a quantitative approach and primary data collection, carried out with 14 transgender men who use the LGBTQIA+ outpatient clinic, located at the Faculty of Nursing of the State University of Rio Grande do Norte (FAEN/UERN) in the city from Mossoró/RN. For data collection, the following questionnaires were used: sociodemographic and health status, International Consultation on Incontinence Questionnaire – Short Form (ICIQ-SF), Female Sexual Function Index (IFSF) and the pelvic floor discomfort questionnaire – PFDI -SF-20. Results: It was possible to identify the sociodemographic profile and health situation whose age ranged between 21 and 35 years, 100% were single, 64.3% had completed high school, 57.1% considered themselves heterosexual, 78.6% had employment relationship. Regarding the health situation, 100% did not have chronic diseases, 57.2% did not use medication, 64.3%



¹ Fisioterapeuta. Faculdade de Enfermagem Nova Esperança de Mossoró, Curso de Fisioterapia, Mossoró, Brasil. Yzasilveira123@gmail.br; frubsonbl@gmail.br

² Fisioterapeuta, Mestre em Ciências Fisiológicas pela Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN). Professora da Faculdade de Enfermagem Nova Esperança de Mossoró, Curso de Fisioterapia, Mossoró, Brasil. elannymirelle@gmail.br

³ Fisioterapeuta, Mestre em Cognição, Tecnologias e Instituições pela Universidade Federal do Semiárido (UFERSA). Professor da Faculdade de Enfermagem Nova Esperança de Mossoró, Curso de Fisioterapia, Mossoró, Brasil. gustavocoringafisio@gmail.br

⁴ Fisioterapeuta, Mestre em Saúde e Sociedade pela Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN). Professor da Faculdade de Enfermagem Nova Esperança de Mossoró, Curso de Fisioterapia, Mossoró, Brasil. fisiojoelmagomes@gmail.br

⁵ Fisioterapeuta, Mestre em Saúde Pública pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Professor da Faculdade de Enfermagem Nova Esperança de Mossoró, Curso de Fisioterapia, Mossoró, Brasil. jaizamarquesms@gmail.br

do not smoke, 78.6% consume alcoholic beverages, 50% report practicing physical activity, 92.8% use slings, where 76.9% said they felt pain while using slings and 50.0% reported pain in the breasts and spine. It was found that 14.3% of respondents have urinary incontinence, 100% have active sexual life, where 14.3% have pain during sexual intercourse and 64.3% have pelvic discomfort, with 66.6% considering it mild and 22, 2% consider it moderate. It was observed that all participants have good sexual function, but in all of them, the lowest average in relation to the domain score was related to lubrication (3.68) and orgasm (3.90). Conclusion: The data point to the need for studies that assess the condition of the pelvic floor muscles in this population, as both the conditions related to urinary function and sexual function are not fully elucidated in the transsexual population, which, like other populations, lacks of health care.

Keywords: Pelvic floor; Transgender man; Sexual dysfunction; Urinary incontinence.

Resumen: Objetivo: Analizar la función temporal y sexual en hombres transgénero. Materiales y Métodos: Estudio transversal, descriptivo, con abordaje cuantitativo y recolección primaria de datos, realizado con 14 hombres transgénero usuarios del ambulatorio LGBTQIA+, ubicado en la Facultad de Enfermería de la Universidad Estatal de Rio Grande do Norte (FAEN /UERN) en la ciudad de Mossoró/RN. Para la recolección de datos, se utilizaron las siguientes pruebas: situación sociodemográfica y de salud, Cuestionario de la Consulta Internacional sobre Incontinencia - Forma Corta (ICIQ-SF), Índice de Función Sexual Femenina (IFSF) y la experiencia de malestar en malestar pélvico - PFDI - SF-20 . Resultados: Se pudo identificar el perfil sociodemográfico y situación de salud cuya edad osciló entre 21 y 35 años, el 100% eran solteros, el 64,3% tenían estudios secundarios completos, el 57,1% se consideraban heterosexuales, el 78,6% tenían vínculo laboral. En cuanto a la situación de salud, el 100% no presenta enfermedades crónicas, el 57,2% no utiliza medicamentos, el 64,3% no fuma, el 78,6% consume bebidas alcohólicas, el 50% refiere practicar actividad física, el 92,8% utiliza cabestrillo, donde el 76,9% manifiesta sentirse dolor durante el uso de cabestrillos y el 50,0% relacionado con dolor en las mamas y la columna. Se encontró que el 14,3% de incontinencia emocional incontinencia, el 100% controlan la vida sexual activa, donde el 14,3% presenta dolor durante las relaciones sexuales y el 64,3% presenta malestar pélvico, siendo el 66,6% considerándolo leve y el 22,2% considerándolo moderado. Se observó que todos los participantes tienen una buena función sexual, pero en todos ellos, el promedio más bajo en relación con el puntaje del dominio se relacionó con la lubricación (3,68) y el orgasmo (3,90). Conclusión: Los datos apuntan para la necesidad de estudios que evalúen las condiciones de los médicos del paciente pélvico, ya que tanto las condiciones atendidas para la función interna como para la función sexual no están del todo dilucidadas en la población transexual que, como otras, carece de atención en salud.

Palabras clave: Suelo pélvico; Hombre transgénero; Disfunción sexual; Incontinencia urinaria.

Introdução

O assoalho pélvico é a parte do corpo humano que tem como função a sustentação dos órgãos internos dos sistemas digestivo, reprodutor e urinário. Essa cavidade é composta por ossos, músculos, fâscias e ligamentos que proporcionam ação esfinteriana para uretra, pênis, vagina e reto (Baracho, 2018). Além disso, o assoalho pélvico, apresentando boa funcionalidade, também é importante para a função sexual do indivíduo (Magno; Fontes-Pereira; Nunes, 2011).

Por ser considerada uma estrutura pouco evidenciada pelos profissionais da saúde, o assoalho pélvico pode ser acometido por disfunções como incontinência urinária (IU), incontinência anal (IA), prolapso de órgãos pélvicos (POPs), disfunções sexuais, entre outros distúrbios (Lopes et al., 2017). Dentro desse contexto, vários públicos podem ser acometidos por essas disfunções, sendo os indivíduos transexuais um deles (Souza et al., 2021).

Pessoas transexuais é um termo utilizado para se referir a homens e mulheres trans, na tentativa de reconhecer aqueles indivíduos cuja identidade de gênero não se identifica com as atribuições socioculturais do gênero designado ao nascimento (Brasil, 2016). Essas pessoas, apesar de terem sua visibilidade aumentada nas últimas décadas, ainda possuem sofrimento psicossocial, distúrbios emocionais e psicológicos graves, como depressão, síndrome do pânico e ansiedade, devidos, muitas vezes, ao contexto em que estão inseridas (Viana; Lourenço, 2017; Schulman; Ericson-Schroth, 2019).

Na área da saúde, houve avanço realizado pelo Ministério da Saúde (MS), que introduziu, no ano de

2008, o processo transexualizador e em 2013 a redefinição e ampliação do mesmo no Sistema Único de Saúde (SUS), permitindo a melhora no acesso a procedimentos como: hormonioterapia, cirurgias de modificação corporal e genital, assim como acompanhamento multiprofissional (Brasil, 2013).

A procura por atendimento nos vários níveis de atenção à saúde possui barreiras que impedem os homens transexuais de procurar ajuda, como a falta de qualidade nos atendimentos e os episódios de desrespeito, discriminação e transfobia, comumente praticados pelos profissionais de saúde, apresentando acolhimento inadequado a essa população, passando a contrariar o princípio de igualdade do SUS (Rocon et al., 2016). Além disso, o medo de sofrer discriminação faz com que os homens transexuais e toda população LGBTQIA+ afastem-se e não procurem atendimentos nas Unidades Básicas de Saúde (UBS), ou em qualquer outro serviço público (Souza et al., 2021).

Segundo Ribeiro (2018), a falta de informação para essa população acaba implicando o processo saúde-doença, e a escassez de atendimento multiprofissional voltado para esse público eleva o risco de vida desses indivíduos, tornando-os mais vulneráveis e suscetíveis ao adoecimento psicológico, físico e social. Com base nisso, Souza et al., (2021) observaram que ainda são escassos estudos epidemiológicos que tenham o objetivo de elucidar na literatura a situação de saúde dessa população, sendo também escassas investigações sobre disfunções do assoalho pélvico nesse público-alvo.

Diante desse contexto, o presente estudo tem o objetivo de avaliar a função urinária e sexual em homens transexuais, ao mesmo tempo que identifica o perfil sociodemográfico, situação de saúde e estilo de vida deles.

Materiais e métodos

Foi realizado um estudo de corte transversal, descritivo e quantitativo, com homens transexuais. A população da pesquisa foi determinada com base na análise das fichas de atendimento do local, que foram coletadas pela pesquisadora, discente do curso de Fisioterapia da Faculdade de Enfermagem Nova Esperança de Mossoró/RN (FACENE/RN). Essa população consistiu em vinte e três homens transexuais que utilizam o sistema público de saúde no ambulatório LGBTQIA+, localizado na Faculdade de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (FAEN/UERN), na cidade de Mossoró/RN. A amostra do estudo foi por conveniência e incluiu quatorze homens transexuais que consentiram em participar da pesquisa, respondendo a questionários previamente elaborados e validados.

Neste estudo foram utilizados quatro questionários: ficha de avaliação sociodemográfica, situação de saúde e hábitos de vida; International Consultation on Incontinence Questionnaire – Short Form (ICIF-SF); Índice de Função Sexual Feminina (IFSF) e Questionário de desconforto no Assoalho Pélvico (PFDI-SF-20).

O questionário sociodemográfico e de situação de saúde foi desenvolvido pelos próprios pesquisadores, com o objetivo de caracterizar adequadamente a amostra e coletar dados relevantes sobre a situação de saúde e os hábitos de vida da população estudada. Esse questionário abrange uma série de informações, incluindo idade, orientação sexual, naturalidade, nacionalidade, cidade, estado civil, escolaridade, trabalho, ocupação, tempo de ocupação e renda. Além disso, o questionário inclui informações relacionadas à saúde dos homens transexuais, abordando tópicos como a presença de doenças associadas, por exemplo, hipertensão arterial, diabetes mellitus, doenças tromboembólicas, a prática de atividades físicas, uso de medicamentos, hábitos tabagistas, consumo de bebidas alcoólicas, frequência miccional, frequência de atividade sexual, uso de binder, hormonioterapia, histórico de cirurgias masculinizadoras e o acesso aos serviços de saúde.

O International Consultation on Incontinence Questionnaire – Short Form (ICIQ – SF) foi utilizado para verificar a prevalência de incontinência urinária e é um questionário já traduzido e validado no Brasil, com sucesso para aplicação em pacientes brasileiros de ambos os sexos. É um instrumento composto por quatro questões que analisam a frequência, a gravidade e o impacto da incontinência urinária, além de um conjunto de oito itens de autodiagnóstico, sendo pautadas as causas e situações em que ocorrem as perdas de urina (Tamanini et al., 2004).

O Índice de Função Sexual Feminina (IFSF) foi utilizado para identificar a prevalência de disfunção sexual nessa amostra e é um instrumento já traduzido e validado no Brasil com sucesso, há mais de uma década, para aplicação no público-alvo feminino ou pessoas com vulva. É um instrumento em forma de formulário contendo

19 questões objetivas, as quais abordam a função sexual nas últimas quatro semanas, reunidas em seis domínios: desejo, excitação, lubrificação, orgasmo, satisfação e dor. Todas as questões são subjetivas no que diz respeito à interpretação da entrevistada. Para cada resposta é atribuído um valor de 0 a 5, onde pode ser obtido o escore de função sexual, que pode variar de 2 a 36, considerando que quanto maior o escore, melhor a função sexual (Leite et al., 2009). Para determinar a prevalência de disfunção sexual, a presente pesquisa considerou que os entrevistados com escore de função sexual menor que 26,55 devem ser considerados portadores de disfunção sexual (Wiegel et al., 2005).

O PFDI-SF-20 avalia a presença e o incômodo causado por 20 sintomas de disfunções dos músculos do assoalho pélvico, sendo composto de três subquestionários (sintomas do POP que incluem 6 itens; sintomas anorretais que incluem 8 itens e sintomas urinários que incluem 6 itens). Os pacientes foram questionados o quanto o sintoma os incomoda em uma escala de 1, que representa nenhum incômodo, a 4, que representa muito incômodo. Cada subquestionário possui um escore de 0 a 100, o maior escore representa o maior incômodo relacionado aos sintomas (Arouca et al., 2014).

O trabalho de campo foi realizado por uma pesquisadora, discente do curso de Fisioterapia da FACENE/RN, devidamente treinada, que foi conduzida para o ambulatório LBTQIA+. Para que isso fosse possível, foi estabelecido contato com a direção do ambulatório, mediante assinatura do Termo de Autorização Institucional (TAI). As entrevistas tiveram início em março e finalizadas em maio do mesmo ano.

Por se tratar de um tema relacionado à função urinária e sexual de homens transexuais e tendo em vista que muitos participantes poderiam se sentir inibidos para responder essas questões em público, houve a necessidade de se obter um espaço destinado à entrevista e aplicação dos questionários de forma individual, sendo suas aplicações realizadas pela pesquisadora responsável. Os participantes deste estudo só realizaram a entrevista mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, após leitura minuciosa e entendimento dos riscos e benefícios que essa pesquisa pode trazer, aceitando participar voluntariamente.

Foram tomados todos os cuidados mediante a pandemia do COVID-19, sendo eles: o distanciamento social, uso de máscaras e a utilização do álcool 70°.

Os dados coletados pelos questionários e formulários foram organizados e sistematizados mediante o programa Microsoft Excel e Word 2016, por meio dos quais foram obtidos os dados descritivos da presente pesquisa. Sendo os valores obtidos em parâmetros de frequência simples e porcentagem.

Esta pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética e Pesquisa da Faculdade de Enfermagem Nova Esperança e iniciada apenas com a aprovação em 18 de março de 2022, com o Parecer de número 5.299.482.

Além disso, este estudo se efetivou com base nas diretrizes e normas da Resolução N°466, de 12 de dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde em vigor no país, que regulamenta as pesquisas envolvendo seres humanos, seja individual ou coletivamente, de forma direta ou indireta, incluindo manejo de informações ou materiais.

Resultados

Foram entrevistados 14 homens transexuais, com média etária de 27,64 anos, variando entre 21 e 35 anos. Na tabela I é apresentada a distribuição dos homens transexuais de acordo com a situação sociodemográfica e de saúde. Entre os homens transexuais entrevistados, 100% eram solteiros, 100% tinham ensino médio completo, 57,1% se identificaram como heterossexuais, 78,6% possuíam vínculo empregatício e nenhum deles relatou ter doenças como Hipertensão Arterial Sistêmica (HAS), Diabetes Melito (DM) ou antecedentes tromboembólicos.

Tabela 1 - Distribuição dos homens transexuais estudados, segundo aspectos sociodemográficos e situação de saúde. Mossoró/RN, Brasil

Variáveis	
Aspectos sociodemográficos	N(%)
Média de idade	27,64
Estado civil	
Solteiro	14(100)
Grau de instrução	
Ensino médio completo	9(64,3)
Ensino superior	5(35,7)
Orientação sexual	
Pansexual	2(14,3)
Heterossexual	8(57,1)
Bissexual	3(21,4)
Sem rótulo	1(7,2)
Vínculo empregatício	
Sim	11(78,6)
Não	3(21,4)
Situação de saúde	
Hipertensão Arterial Sistêmica (HAS)	
Não	14(100)
Diabetes Mellitus (DM)	
Não	14(100)
Antecedentes tromboembólicos	
Não	14(100)

Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Na Tabela 2 apresenta-se a distribuição dos participantes de acordo com seus hábitos comportamentais. Desses, a maioria dos participantes não usavam medicamentos (57,2%), não fumavam (64,3%), consumiam bebidas alcoólicas (78,6%) e usavam faixa (92,8%). Nessa pesquisa, metade dos entrevistados relataram praticar atividade física 50,0%. Quando questionados se sentiam dor durante a utilização de faixa, 76,9% afirmaram sentir dor. Desses, a maioria se refere a dores nos seios e na coluna.

Tabela 2 - Distribuição dos homens transexuais estudados, segundo os hábitos comportamentais. Mossoró/RN, Brasil

Variáveis	
Hábitos comportamentais	N(%)
Uso de medicamentos	
Sim	6(42,8)
Não	8(57,2)
Tabagismo	
Sim	5(35,7)
Não	9(64,3)
Consumo de álcool	
Sim	11(78,6)
Não	3(21,4)
Prática de atividade física	
Sim	7(50,0)
Não	7(50,0)
Uso de faixa	
Sim	13(92,8)
Não	1(7,2)
Dor ao usar faixa	
Sim	10(76,9)
Não	3(23,1)
Locais das dores da faixa	
Seios	2(20,0)
Coluna	3(30,0)

Seios e coluna	5(50,0)
Tempo de uso de testosterona	
;<2 anos	5(35,7)
>2 anos	9(64,3)

Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Na Tabela 3 encontram-se as informações referentes aos hábitos urinários, sexuais e desconfortos pélvicos. Observou-se que 14,3% dos entrevistados possuíam incontinência urinária, enquanto que 100% relataram atividade sexual ativa. Desses, 14,3% experimentavam dor durante as relações sexuais e 64,3% apresentavam desconfortos pélvicos, com 66,6% descrevendo o desconforto como leve e 22,2% como moderado.

Tabela 3 - Distribuição dos homens transexuais referentes aos hábitos urinários, sexuais e desconfortos pélvicos. Mossoró/RN, Brasil

Variáveis	N(%)
Presença de incontinência urinária	
Sim	2(14,3)
Não	12(85,7)
Possuem vida sexual ativa	
Sim	14(100)
Possuem dor na relação sexual	
Sim	2(14,3)
Não	12(85,7)
Possuem desconforto no assoalho pélvico	
Sim	9(64,3)
Não	5(35,7)
Grau de desconforto do assoalho pélvico	
Leve	6(66,6)
Moderado	2(22,2)
Intenso	1(11,2)

Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Na Tabela 4 encontram-se as variáveis do IFSF. Foi observado que todos eles possuem uma boa função sexual. No entanto, em todos os casos, a média mais baixa em relação à pontuação de domínio foi referente à lubrificação (3,68) e ao orgasmo (3,90).

Tabela 4 - Função sexual dos homens transexuais avaliados por meio do IFSF, Mossoró/RN, Brasil

Variáveis	IFSF	
	Média	DP
Desejo	5,01	3,20
Excitação	5,00	3,29
Lubrificação	3,68	3,37
Orgasmo	3,90	1,90
Satisfação	5,41	3,38
Dor	5,23	2,99
Pontuação total	25,68	6,81

Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Discussão

O Brasil é o maior país da América do Sul e o quinto do mundo em extensão territorial. Com uma população de aproximadamente 210 milhões de habitantes, é marcado por desigualdades sociais, políticas, raciais e de gênero (IBGE, 2019). No que diz respeito à população LGBTQIA+, há uma escassez de dados oficiais, o que se torna um grande obstáculo para pesquisas e estudos que poderiam servir de base para a elaboração de políticas públicas relacionadas à educação, saúde e segurança desse público (Bueno; Lima, 2019).

Embora todos os princípios e portarias do SUS destaquem o direito e o dever de atender a todas as pessoas, a realidade não é essa, e a população LGBTQIA+ sofre com a desigualdade e o preconceito, alimentando os ciclos de invisibilidade, violência e exclusão. Isso muitas vezes ocorre devido à falta de preparo por parte dos profissionais de saúde e gestores (Rocon *et al.*, 2016). Com base nesse contexto, este estudo objetivou avaliar a função urinária e sexual, bem como desconfortos pélvicos e corporais relatados por homens transexuais submetidos à terapia de reposição hormonal. Além disso, é importante conhecer o perfil sociodemográfico deste público.

Nesta pesquisa, foi observado que todos os homens transsexuais são solteiros. Esse resultado se assemelha aos dados da Pesquisa por Amostra de Domicílio (2019), a qual apontou que 89,19% dos entrevistados se consideravam solteiros. No Brasil, essa elevada proporção de homens transexuais solteiros encontrada nesta pesquisa acompanha a prevalência de homens solteiros da população geral, quando considerada a mesma faixa etária (IBGE, 2021).

No que diz respeito ao grau de escolaridade, a maior parte dos entrevistados possui ensino médio completo. Este achado foi concordado com resultado de um estudo que avaliou 16 travestis e transexuais do município de Cajazeiras/PB e identificou que 56,25% da amostra possuía ensino médio completo (SILVA *et al.*, 2016). Outro estudo realizado com 19 pessoas transexuais observou que 66,6% possuíam ensino médio completo ou superior incompleto (Souza *et al.*, 2021). A significativa elevação na busca por educação entre a comunidade transgênero, superando a média da população brasileira, pode ser atribuída ao crescente acesso a um patamar mais elevado de educação. Esse avanço tem resultado na quebra de barreiras históricas e na ampliação das oportunidades profissionais para indivíduos transgênero. Esse aumento na procura educacional reflete não somente na resiliência e determinação desta comunidade para enfrentar obstáculos, mas também denota uma transformação positiva rumo à igualdade de acesso à educação e ao desenvolvimento pessoal.

A maioria dos participantes desta pesquisa se autodeclarou heterossexual. Esse dado corrobora com o estudo realizado com 10 indivíduos, no qual se discutiu as necessidades e demandas de saúde de homens transexuais e revelou que 90% dos entrevistados se identificaram como heterossexuais (Sousa; Iriart, 2018). No entanto, isso difere dos resultados da Pesquisa por Amostra de Domicílio (2020), a qual registrou que 65,47% dos entrevistados se autodeclararam homossexuais. Uma hipótese plausível para explicar o alto número de homens transexuais que se identificam como heterossexuais é porque muitos indivíduos transexuais adotam a heteronormatividade da sociedade como referência. Segundo Petry e Meyer (2011), a heteronormatividade é frequentemente considerada o padrão de normalidade, designando como normais as atrações e/ou comportamentos sexuais entre indivíduos de sexos diferentes. Porém, há indivíduos que não se submetem e não aderem a essa norma, reinventando-se continuamente (Bento, 2006).

No que diz respeito ao vínculo empregatício, a maior parte dos homens transexuais desta pesquisa possuía emprego. Os resultados revelam uma perspectiva encorajadora para os homens transexuais no âmbito do mercado de trabalho. Esse cenário positivo destaca-se, especialmente, quando confrontado com os desafios amplamente documentados que as pessoas transexuais enfrentam no mercado de trabalho (Moura *et al.*; 2019; Silva; Luna, 2021).

Pessoas transexuais geralmente são marginalizadas pela sociedade e essa situação pode causar invisibilidade social e afetar seus hábitos comportamentais (Bezerra *et al.*, 2019). Nesta pesquisa, observou-se que a grande maioria dos participantes consumia bebida alcoólica. Esse dado corrobora com a revisão sistemática realizada nos Estados Unidos, quando se observou que o uso indevido de álcool é altamente prevalente em populações transgêneras, particularmente no início da idade adulta, podendo ser explicado pela

discriminação e o estigma que as minorias de gênero enfrentam e, provavelmente, criam condições psicossociais que levam a um maior risco de uso problemático do álcool (Gilbert *et al.*, 2018).

No que diz respeito à prática de atividade física, metade dos participantes responderam afirmativamente, um dado que se aproxima dos resultados de uma pesquisa anterior, na qual 56,7% dos entrevistados afirmaram ser praticantes de atividades físicas (Santos *et al.*, 2021). Esse resultado pode estar relacionado à influência na construção da identidade dos homens transexuais, tornando-se um possível instrumento para obter características físicas que podem estar relacionadas com a criação e reprodução de estereótipos criados culturalmente (Serrano; Caminha; Gomes, 2017).

Em relação à utilização da faixa, a grande maioria dos participantes desta pesquisa responderam que usam, sendo que a maior parte deles relataram dor durante o uso da faixa. Esses resultados corroboram com um estudo internacional no qual se observou que 88,9% dos homens transexuais ao redor do mundo, usuários binder (faixa), disseram sentir algum sintoma negativo relacionado ao seu uso (Jarrett *et al.*, 2018). A utilização do binder de maneira ou por tempo inadequado reduz a mobilidade torácica e pode trazer diversos transtornos físicos (Santos *et al.*, 2022). Estudo mostra que o binder e outros tipos de faixas são responsáveis por produzirem consequências físico-fisiológicas e podem acarretar danos à saúde, tais como hematomas e escoriações na pele, dificuldade para respirar e dores na região do tórax, todos resultantes da compressão, além da possibilidade de danos à coluna vertebral e displasia da mama (Souza; Iriart, 2018).

No que se refere à função urinária relatada pela população estudada, apenas uma pequena parcela afirmou sofrer de perda de urina, caracterizando, assim, a presença de incontinência urinária. No entanto, é importante ressaltar que essa é uma disfunção do assoalho pélvico, afetando milhões de pessoas de todas as faixas etárias, principalmente as do sexo biológico feminino (Carvalho *et al.*, 2014; Higa; Lopes; Reis, 2008). Esses fatores também podem estar associados às alterações osteomusculares e incoordenação dos músculos do assoalho pélvico (Santos Junior, 2009).

Ao comparar os achados deste estudo com outras pesquisas, foi constatado, em uma análise conduzida com 25 pessoas transexuais, que esses indivíduos possuem um risco aumentado de desenvolver distúrbios da micção, incluindo incontinência urinária de esforço e bexiga hiperativa, quando comparados com grupo de controle da mesma idade (Kuhn; Birkhauser, 2007). De acordo com Fascelli *et al.* (2023), a disfunção urinária mais severa em homens transexuais acontece de maneira mais prevalente quando esse público é submetido à cirurgia de redesignação, podendo envolver a construção peniana, alongamento uretral ou até mesmo vaginectomia.

Atualmente, há uma escassez de estudos dedicados à função urinária em pessoas transgêneros. No entanto, no Brasil, dois estudos foram realizados sobre esse tema (Souza *et al.*, 2021; Souza *et al.*, 2021). Em relação aos aspectos relacionados à micção, descobriu-se, em uma pesquisa envolvendo 13 homens transexuais, que 24% deles apresentavam queixas de incontinência urinária (Souza *et al.*, 2021). Em outro estudo que incluiu 19 pessoas transgênero, foi observado que os homens transexuais registraram uma prevalência maior de queixas urinárias em comparação com as mulheres transexuais (Souza *et al.*, 2021).

Nos homens transexuais, no quesito dor na relação sexual, uma pequena parcela entrevistada relatou sentir dor. Essa sintomatologia pode estar associada ao uso da testosterona (deposteron, durateston), cujo produto todos os participantes responderam fazer uso. Segundo a Rede Nacional de Pessoas Trans no Brasil (2017), entre os efeitos imediatos do uso da testosterona, podemos citar o aumento da libido (desejo sexual), porém, devido ao uso prolongado desse hormônio pode ocorrer atrofia vaginal, afinização do revestimento da vagina e a diminuição da lubrificação, levando-o a sentir dor ou desconforto durante a penetração.

Quando observados os domínios da função sexual, podemos perceber que a lubrificação e o orgasmo foram os mais afetados entre os entrevistados desta pesquisa. Esse dado também foi encontrado em outros estudos (Souza; Motta *et al.*, 2021; Souza; Miranda *et al.*, 2021). Estudo realizado por Souza, Motta *et al.* (2021) observou que as pontuações para o quesito lubrificação e orgasmo também foram as menores, sugerindo que esses aspectos podem ser particularmente sensíveis ou afetados entre os homens transexuais, incluindo inúmeros fatores, como o próprio uso de testosterona que, ao longo do tempo, causa diminuição da lubrificação e pode provocar desconforto, impactando negativamente no orgasmo. A identificação desses domínios afetados é crucial para direcionar intervenções e oferecer suporte adequado, podendo ser incluídas estratégias terapêuticas específicas, aconselhamento direcionado ou até mesmo o desenvolvimento de

abordagens médicas e psicológicas mais adaptadas para lidar com essas questões.

No estudo de Souza, Miranda *et al.* (2021), realizado com 13 homens transexuais, observou-se a prevalência de desconforto pélvico em 93,7% da amostra estudada, sendo esses caracterizados por alguma disfunção sexual, reforçando a hipótese em relação à diminuição da libido, dor durante o ato sexual, assim como a diminuição da lubrificação e perda urinária. A constatação desses sintomas reforça a importância de investigar mais a fundo as causas subjacentes ao desconforto pélvico nessa população. Estudo realizado por Moulder, Carrillo e Carey (2020) corrobora essa ideia, ao observar que os sintomas de desconforto pélvico são comuns entre homens transexuais. Além disso, ressalta a necessidade de uma investigação mais ampla para compreender as possíveis razões que vão além do uso da testosterona, enfatizando a importância de uma história detalhada e direcionada, explorando a presença desses desconfortos mesmo antes do início da terapia sistêmica.

As disfunções do assoalho pélvico podem ser multifatoriais e influenciadas por hábitos comportamentais, alimentares, obesidade, gravidez e alterações na musculatura pélvica (Damasceno; Souza; Junior, 2021). Tendo em vista as DAPs, isso pode ocorrer pelo enfraquecimento das fâscias, ligamentos e dos próprios músculos da região pélvica. Entre os fatores de risco, os hábitos de vida, de alguma forma, contribuem gradativamente para o desencadeamento de possíveis disfunções (Silva Filho *et al.*, 2013).

Diante do exposto, observa-se que a temática deste estudo tem relevância para a área da saúde, tendo em vista a importância de se estudar as condições de saúde desta população. Esses dados também ressaltam a importância de se considerar a diversidade e as necessidades individuais, ao abordar a função urinária e a saúde sexual em pessoas transgênero. Porém, este estudo apresentou algumas limitações, como a ausência de um grupo controle, com o poder de comparação amostral; o número reduzido de participantes, pois 40% da amostra inicial não aceitou participar da pesquisa ou houve dificuldades de acesso dessa população ao serviço de saúde onde ocorreu a pesquisa. Além disso, o uso de questionários traduzidos/validados apenas para mulheres cisgênero é outra limitação deste estudo.

Em relação aos questionários, indaga-se sobre a necessidade de o desenvolvimento e a validação de questionários para determinar as medidas de desfecho relatadas pelo paciente para a comunidade trans ser um próximo passo importante para avaliar o processo transexualizador de forma ampla e satisfatória.

Conclusão

Com este estudo, foi possível observar uma baixa prevalência de distúrbios urogenitais, como a incontinência urinária e a disfunção sexual. Cabe ressaltar que em relação à função sexual dos participantes, observou-se que o domínio de lubrificação e o orgasmo estiveram comprometidos. Recomenda-se estudos com amostras maiores para entender o comprometimento com significância estatística, com o objetivo de inferir resultados.

Os sintomas de desconfortos pélvicos também tiveram uma baixa prevalência nessa população, porém, esses dados apontam a necessidade de estudos que avaliem as condições dos músculos do assoalho pélvico nessa população, pois tanto as condições voltadas para a função urinária como para a função sexual não são totalmente elucidadas na população transexual que, assim como outras populações, carece de atenção à saúde.

Referências

AROUCA, M. *et al.* Validation and cultural translation for Brazilian Portuguese version of the Pelvic Floor Impact Questionnaire (PFIQ-7) and Pelvic Floor Distress Inventory (PFDI-20). *International Urogynecology Journal*, v. 27, n.7, p.1097-1106, 2014. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/26782099/>

BARACHO, E. *Fisioterapia aplicada à saúde da mulher*. 6 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2018.

BENTO, B. *A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

BEZERRA, M. V. R.; MORENO, C. A.; PRADO, N. M. B. L. Política de saúde LGBT e sua invisibilidade nas publicações em saúde coletiva. *Saúde Debate*, v. 43, n. especial 8, p. 305-323, 2019. Doi: <https://doi.org/10.1590/0103-11042019S822>. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/sdeb/a/DkZJz3V4kfLczm7Qbvpr3Xh/?lang=pt>

BRASIL. Ministério da Saúde. *Campanha Cuidar bem da saúde de cada um, faz bem pra todos, faz bem pra o Brasil*. Cartilha LGBT - Saúde Trans. 2016. Disponível em: <http://portalarquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2016/fevereiro/18/CARTILHA-Equidade-10x15cm.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria nº 2.803, de 19 de Novembro de 2013. *Redefine e amplia o Processo Transexualizador no Sistema Único de Saúde (SUS)*. Diário Oficial da União, 2013.

BUENO, S.; LIMA, R. S. (Coord.). *Anuário Brasileiro de Segurança Pública*. Ano 13. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2019. Disponível em: https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2019/10/Anuario-2019-FINAL_21.10.19.pdf

CARVALHO, M. P. et al. O impacto da incontinência urinária e seus fatores associados em idosas. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, v. 17, n. 4, p. 721-730, 2014. Doi: <https://dx.doi.org/10.1590/1809-9823.2014.13135>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbagg/a/JYDnQrHWHM4fGSV66n8STYn/?lang=pt>

FASCELLI, M. et al. Urinary symptoms after genital gender-affirming penile construction, urethral lengthening and vaginectomy. *Translational andrology and urology*, v. 12, n. 5, p. 9932-943, 2023. Doi: <https://dx.doi.org/10.21>. Disponível em: <https://tau.amegroups.org/article/view/110768/html>

GILBERT, P. A. et al. Alcohol research with transgender populations: A systematic review and recommendations to strengthen future studies. *Drug and Alcohol Dependence*, v. 1, n. 186, p. 138-146, 2018. Doi: <https://dx.doi.org/10.1016/j.drugalcdep.2018.01.016>. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0376871618301212>

HIGA, R.; LOPES, M. H. B. M.; REIS, M. J. Fatores de risco para incontinência urinária na mulher. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, v. 42, p. 187-192, 2008. Doi: <https://doi.org/10.1590/S0080-62342008000100025>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reeusp/a/tcRhL9B3QRm8YZNswdyPSGL/?lang=pt#>

IBGE. *Censo demográfico*. 2021.

IBGE. *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua anual*. Tabela 6821 - Domicílios e Moradores, por condição de ocupação do domicílio. 2019.

JARRETT, B. A. et al. Chest binding and care seeking among transmasculine adults: a cross-sectional study. *Transgend Health*, v. 3, n. 1, p. 170-178, 2018. Doi: <https://doi.org/10.1089/trgh.2018.0017>. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC6298447/>

KUHN, A.; BIRKHAUSER, M. R. H. Do transsexuals have micturition disorders? *European Journal of Obstetrics & Gynecology and Reproductive Biology*, v. 131, n. 2, p. 226-230, 2007. Doi: <https://doi.org/10.1016/j.ejogrb.2006.03.019>. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0301211506001928>

LEITE, A. P. L. et al. Prevalence of sexual dysfunction during pregnancy. *Revista da Associação Médica Brasileira*, v. 55, n. 5, p. 563-568, 2009. Doi: <https://doi.org/10.1590/S0104-42302009000500020>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ramb/a/sxt6BtMBFYyCXqxPz4DV5zS/?lang=en#>

LIMA, T. Educação básica e o acesso de transexuais e travestis à educação superior. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n. 77, p. 70-87, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rieb/a/jfYd7V5qLBwYf9bY4MgCbqC/>

LOPES, M. H. B. M. et al. Programa de reabilitação do assoalho pélvico: relato de 10 anos de experiência. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 70, p. 231-235, 2017. Doi: <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2016-0257>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/thPDR5zy33GrKHCg4KQ6YGN/?lang=en>

MAGNO, L. D. P.; FONTES-PEREIRA, A. J.; NUNES, E. F. C. Avaliação quantitativa da função sexual feminina correlacionada com a contração dos músculos do assoalho pélvico. *Revista Pan-Amazônica de Saúde*,

v. 2, n. 4, p. 8-8, 2011. Doi: <http://dx.doi.org/10.5123/S2176-62232011000400006>. Disponível em:
<http://revista.iec.gov.br/submit/index.php/rpas/article/download/912/711>

MOULDER, J. K.; CARRILLO, J.; CAREY, E. T. Pelvic pain in the transgender man. *Current Obstetrics and Gynecology Reports*, v. 9, n. 3, p. 138-145, 2020. Disponível em:
https://idp.springer.com/authorize/casa?redirect_uri=https://link.springer.com/article/10.1007/s13669-020-00293-x&casa_token=azPEkSM3waYAAAAA:k6KE3d6vKAXIXVGUjvAaqYcxps7nbPMwrS4WH9ONLI1zei54wPhtP960o9KNj0I27c8AD0ZJn8fuAKwIEg

MOURA, A. L. et al. As dificuldades das transexualidades na inserção ao mercado de trabalho. In: Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, 20., 2019. Curitiba. Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2019, p. 1-15. Disponível em:
<https://www.portalintercom.org.br/anais/sul2019/resumos/R65-0012-1.pdf>

PETRY, A. R.; MEYER, D. E. E. Transexualidade e heteronormatividade: algumas questões para a pesquisa. *Textos & Contextos*, Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 193 - 198, 2011. Disponível em:
<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fass/article/view/7375>

RIBEIRO, A. F. *Experiências transmasculinas: o limiar entre corpo, gênero e desejo na constituição de um sentido de si*. Tese de Doutorado – Universidade Federal da Bahia. 333p. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Bahia, Salvador, 2018.

ROCON, P. C. et al. Dificuldades vivenciadas por pessoas trans no acesso ao Sistema Único de Saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 21, p. 2517-2526, 2016. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/csc/a/zGjyVqQ6WGjyRzLqfd8vRD/>

SANTOS Jr., J. C. M. Dor posterior baixa e dor pélvica: o que interessa ao proctologista? *Revista Brasileira de Coloproctologia*, v. 29, n. 3, p. 393-403, 2009. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/rbc/a/5HsffypK74PQhtmmHj3qm4g/?lang=pt&format=html>

SANTOS, W. J.; SILVA, R. B.; RODRIGUES, D. F.; ROCHA, L. M. F.; MOURA, G. J. B.; CEBALLOS, A. G. C. Uso do binder e queixas respiratórias em homens transexuais. *Fisioterapia em Movimento*, v. 35, e35107, p. 1-7, 2022. Doi: <http://dx.doi.org/10.1590/fm.2022.35107>. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/fm/a/JYgzGWvkkXmVvgZsxgtL9VD/?lang=en>

SCHULMAN, J. K.; ERICSON-SCHROTH, L. Mental health in sexual minority and transgender women. *Medical Clinics of North America*, v. 103, n. 4, p. 723-733, 2019. Doi:
<https://doi.org/10.1016/j.mcna.2019.02.005>. Disponível em: [https://www.psych.theclinics.com/article/S0193-953X\(17\)30014-X/abstract](https://www.psych.theclinics.com/article/S0193-953X(17)30014-X/abstract)

SERRANO, J. L.; CAMINHA, I. O.; GOMES, I. S. Transexualidade e Educação Física: uma revisão sistemática em periódicos das Ciências da Saúde. *Movimento*, v. 23, n. 3, p. 1119-1132, 2017. Doi:
<https://doi.org/10.22456/1982-8918.64857>. Disponível em:
<https://www.redalyc.org/pdf/1153/115352985025.pdf>

SILVA FILHO, A. L. S. et al. Análise dos recursos para reabilitação da musculatura do assoalho pélvico em mulheres com prolapso e incontinência urinária. *Fisioterapia e Pesquisa*, v. 20, n. 1, p. 90-96, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1809-29502013000100015>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/fp/a/ZtFGZbGztd3NMzwwffTLhwbt/?lang=pt#>

SILVA, A. S.; LUNA, M. S. Travestis e transgêneros e sua inserção no mercado formal de trabalho. *Cadernos de Gênero e Tecnologia*, v. 12, n. 39, p. 303-318, 2019. Disponível em:
<https://revistas.utfpr.edu.br/cgt/article/viewFile/9506/6334>

SILVA, G. W. S. et al. Cases of violence involving transvestites and transsexuals in a northeastern Brazilian city. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, v. 37, n.2, p. 1-7, 2016. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/rgenf/a/JdXmwrJfYcmvBBc5kb4qhjm/?lang=en>

SOUSA, D.; IRIART, J. “Vivir dignamente”: necesidades y demandas de salud de hombres transexuales en

DOI: <https://doi.org/10.35919/rbsh.v35.1099>

Salvador, Bahia, Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 34, n. 10, 2018. Doi: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00036318>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/Lp4wHx4dhrMnZdqw76mn7MM/?lang=pt>

SOUZA, A. R.; MOTTA, S. N. et al. Função do assoalho pélvico em pessoas transgêneros: uma análise das funções urogenitais, anorretais e sexuais. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, v. 32, n. 1, p. 19-29, 2021. Doi: <https://doi.org/10.35919/rbsh.v32i1.917>. Disponível em: https://www.rbsh.org.br/revista_sbrash/article/view/917

SOUZA, W. W. P.; MIRANDA, R. R. et al. Avaliação da função sexual e miccional de homens transexuais. *Fisioterapia Brasil*, v. 22, n. 1, p. 61-71, 2021. Doi: <https://doi.org/10.33233/fb.v22i1.4037>. Disponível em: <https://convergenceseditorial.com.br/index.php/fisioterapiabrasil/article/view/4037>

TAMANINI, J. T. N. et al. Validação para o português do “International Consultation on Incontinence Questionnaire - Short Form” (ICIQ-SF). *Revista de Saúde Pública*, v. 38, n. 3, p. 438-444, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsp/a/sjtsdfRRnmcgBSLB6gGqDx/?format=pdf&lang=pt>.

VIANA, R.; LOURENÇO, L. M. Estudo qualitativo sobre a depressão e a ansiedade social na adolescência: uma revisão bibliográfica. *Psicologia*. 2017. Disponível em: <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1084.pdf>

WIEGEL, M.; MESTON, C., ROSEN R. The Female Sexual Function Index (FSFI): cross validation and development of clinical cutoff scores. *Journal of Sex & Marital Therapy*, v. 31, n. 1, p. 1-20, 2005. Doi: <https://doi.org/10.1080/00926230590475206>. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/15841702/>

Recebido em: 22/02/2023

Aprovado em: 02/04/2024